



África: a literatura da diáspora

Africa: the literature of the diaspora

Pedro Paulo Ramos Ventura

Mestrando em Filosofia

Resumo:

A literatura africana na diáspora em geral é uma literatura de nostalgia. Tal nostalgia é fácil de identificar na boa parte de literatura africana. O choque cultural é um dos elementos que força os indivíduos na diáspora transcultural- se, gerando conflitos ideológicos, de valores morais, éticos e filosóficos. Tais conflitos se refletem também na literatura africana. A nostalgia da literatura africana perpassa do cientificismo europeu, porém, em parte, é a uma literatura ontológica- subjetiva- própria africana, não nega o cientificismo ocidental, mais reivindica a memória esquecida de seus antepassados que não se reflete nas literaturas ocidentais. Por outro lado, a literatura africana tem seus próprios mitos ritualísticos e racionais que lhes são peculiares dentro de suas etnias (tribos) e etnolinguísticas que expressa sua própria identidade e história. Também é característica da literatura africana na diáspora a preocupação com a política na África, que boa parte de seus governos são ditatoriais, de outro, o racismo eurocêntrico, à busca de identidade, a luta pela igualdade e o resgate da memória que ao longo da história lhes foram tirados ou negados. Nossa análise consiste nos poemas e ensaios de Agostinho Neto, A Sagrada Esperança, A Voz Igual e de autores africanos contemporâneos.

Palavras-chave: África. Literatura. Diáspora. Nostalgia. Memória.

Abstract:

The African diaspora literature in general is a literature of nostalgia. Such nostalgia is easy to identify in much of the African literature. Culture shock is one of the elements that forces individuals in the diaspora to transculture themselves generating ideological, moral, ethical and philosophical values conflicts. Such conflicts are also reflected in African literature. The nostalgia of African literature pervades the European scientism, however, it is in part a specifically African-subjective-ontological literature, which does not negate the Western scientism, but claims the forgotten memory of their ancestors that is not reflected in Western literature. On the other hand, African literature has its own ritual and rational myths that are peculiar to them within their ethnic groups (tribes) and ethnolinguistic expression of their own identity and history. Also characteristic of African literature in the diaspora is the concern with politics in Africa, since many of their governments are dictatorial, and on the other hand the Eurocentric racism, the search for identity, the struggle for equality and the recovery of the memory that has throughout history been taken from or denied them. Our analysis consists of poems and essays by Agostinho Neto, Sacred Hope, The Equal Voice and contemporary African authors.

Keywords: Africa. Literature. Diaspora. Nostalgia. Memory.

Literatura na diáspora

As literaturas africanas nas diásporas têm uma peculiaridade própria, uma das peculiaridades é o sentimento de nostalgia. É muito presente nas literaturas africanas; por exemplo, a saudade da pátria, a fome, a miséria, os problemas sociais, as rivalidades étnicas (tribais), as guerras civis e a corrupção dos líderes africanos; a presença dos colonizadores brancos europeus também aparece nas reflexões literárias.

Um pequeno trecho de um dos poemas de Agostinho Neto¹, na diáspora reforça o argumento de que a literatura da diáspora tem forte sentimento de nostalgia. Vejamos o trecho abaixo:

Pelos teus olhos, minha mãe
Vejo oceano de dor
Claridade de sol posto, paisagens
Roxas paisagens
Dramas de Cam e Jafé...²
Mas vejo também (oh se vejo...)
Mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos
Ora esplende demoniacamente tentadora- como a Certeza...
Cintilantemente firme- como a Certeza...
Gerando, formando, anunciando
- o dia da “humanidade”³

Agostinho Neto veja na mãe⁴ aquela sofredora pelos males que sobreveio aos seus filhos; por vezes, fica difícil saber, se essa mãe é conjugada na 1ª pessoa do singular, ou se é a mãe África, conjugada na 3ª pessoa do plural, se referindo a todas as mães de África ou a própria África em si. Porém, a esperança, é para Neto a força da alma, que anseia por uma nova humanidade, dialeticamente, se traduz a certeza de que as dores, o sofrimento, cessarão em todas as mães de África...

O poema observado acima justifica o título desse artigo, é perceptível no poema, a saudade e a esperança de uma África que deseja ser consolada pelos os males que o apoquentam.

As expressões que aparecem no poema tais como: minha mãe/ dor/ sol/ luz/ esplendente/ firmeza/ certeza/ humanidade, diversificadas em palavras heterográficas, sinônimos, para mostrar o contraste da humanidade- que sofre o daquela mãe subjugada pelo “dominador mais forte”. O olhar firme na esperança de uma África livre é o motivo desse versus, peculiar, da literatura africana na diáspora.

¹ Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola, médico, político e poeta (1922-1979).

² Cam segundo filho de Noé amaldiçoado por seu pai, no hebraico significa ham - queimado, que posteriormente viveu ao norte de África; Jafé terceiro filho, no hebraico significa- espalhado, Deus engrandecera, seus descendentes viveram ao Norte da Índia a Ocidente Europeu; também, boa parte dos descendentes de Cam se espalhou pela Europa. Daí é que nascem pra alguns teólogos a justificativa da escravidão pelo fato de Noé ter amaldiçoado Cam que seria servo de seus irmãos. (Gen. 9.20-27)

³ NETO. 1982, p. 25.

⁴ Mãe África, se referindo ao continente africano sofredora dos males já mais desejada pela humanidade.

Observemos a seguir o poema abaixo:

Sou eu minha mãe
A esperança somos nós
Os teus filhos
Partidos para uma fé que alimenta a vida.⁵

Analisando os versos desse poema, reaparecem outras expressões sinônimas como: mãe/ esperança/ filho/ fé/ alimento/nós/ e vida mostrando o sofrimento de um povo que sofre ou que está sofrendo. Há aqui uma forte antropologia da nostalgia. Assim se configura boa parte da literatura africana.

A reivindicação de um pátrio em terra longínquo, consolando sua mãe- África que todos os pátrios- seja- da diáspora, ou aqueles que ficaram, são esses filhos a esperança para consolar a mãe- África. Neto está falando de um povo chamado Angola, simultaneamente, fala do continente africano. África como colônia do opressor europeu.

Neto fala da esperança porque seu povo vivia nas mazelas dos musseques⁶, as crianças sem escolas, as mulheres serviam como subservientes em casas de homens brancos, os jovens perdidos na escuridão da noite e na manhã do dia ofuscados pela escuridão da noite. Os intelectuais exilados e longe de suas terras, de seus costumes, de seu povo, lhe restando apenas, as saudades e a esperança como consolo da alma.

Literatura e nostalgia na diáspora

Os africanos de modo geral valorizam a família. A família é símbolo do acolhimento, da segurança e da proteção. Neto quer mostrar no poema “*SOU EU MINHA MÃE A ESPERANÇA SOMOS NÓS*”, a indissolúvel união familiar e o consolo da mãe é saber que seus filhos estão presentes ao seu lado. O medo da mãe de perder seus filhos disperso mundo a fora faz dela a mãe África, protetora de seus progenitores.

Está presente também nesse poema o sentimento de pertença; isso é forte entre os africanos. O sentimento é um estilo de vida na medida em que se reconhece o outro como pertença de mim. O eu cartesiano, por exemplo, contrasta com a filosofia africana, o verbo nunca aparece na primeira pessoa, mas na segunda ou na terceira pessoa. Veja que o EU de Agostinho Neto, contrasta com COGITO, ERGO SUM (penso logo SOU de Descartes). O eu SOU cartesiano é de caráter existencial, particular com sentindo individual. O eu de Neto é existencial e universal, característica do povo africano.

Nesse poema está presente a alteridade como discurso de inclusão, uma vez que na diáspora, o negro africano se sente excluído por uma “filosofia- da superioridade- branca, que no Ocidente é o lugar que se constrói pensamento racional e filosófico”.

⁵ NETO. 1982, p. 405.

⁶ Literalmente as favelas do Brasil. Na era colonial, os Negros viviam longe das cidades urbanas, somente quem transitava eram os trabalhadores das indústrias.

É dessas saudades que Neto sente, de seu povo, de sua terra, do repartir do pão com o que não tem, de partilhar sua casa com aquele que está sem abrigo, de compartilharem os sonhos com aqueles que as perderam, de consolar as almas daqueles que perderam seus entes queridos na guerra sangrenta contra o colonialismo. É do sonho e da esperança que a mãe África espera ansiosamente o retorno de seus filhos dispersos em terras alheias. É da saudade que faz com que os negros africanos na diáspora se alimentam para sobreviverem à individualidade do Ocidente. No Ocidente outro é alhures, ou seja, secundário.

O poema a seguir é nostálgico e saudosista:

Havemos de voltar⁷
 Às casa, às nossa lavras
 Às praias, aos nossos campos
 Havemos de voltar
 Às nossas terras
 Vermelhas de café
 Brancas do algodão
 Verdes dos milharais
 Havemos de voltar
 Às nossas minas de diamantes
 Ouro, cobre, de petróleo
 Havemos de voltar
 Aos nossos rios, nossos lagos
 Às montanhas, às florestas
 Havemos de voltar
 À frescura da mulemba
 Às nossas tradições
 Aos ritmos e às fogueiras
 Havemos de voltar
 À marimba e ao quissangue
 Ao nosso carnaval
 Havemos de voltar
 À bela pátria angolana
 Nossa terra, nossa mãe
 Havemos de voltar
 Havemos de voltar
 À Angola libertada
 Angola independente.

A função do verbo *havemos* na 1ª pessoa do plural do indicativo Neto faz menção de pluralizar o verbo porque o sentimento africano é do coletivo e não do individualismo.

A pesar de falarmos de uma geração diferente a de hoje, assim, mesmo, herdou-se dos antepassados o sentimento do altruísmo. É natural no povo de Angola, por exemplo, solidarizar-se com quem sofre.

⁷ NETO, António Agostinho. *Sagrada Esperança*. Ed. UEA, Luanda- LD, 2009.

Havemos de voltar é um dos poemas mais consagrado de Agostinho Neto, não temos como negar que a saudade de casa e da terra é pulsante em Neto. O sonho de ver uma Angola livre e independente é o desejo de todos os angolanos. A mãe África sofrida almeja por esse dia, o dia de ver seus filhos livres em toda África do jugo colonial.

A literatura africana na diáspora em tese tem essa característica nostálgica. A nostalgia não é tida como fraqueza da alma para os africanos, como pensam “os racionalistas europeus”, é uma virtude do espírito, não fosse esse peculiar sentimento, sucumbiria a literatura na diáspora. Por que sucumbiria? Porque a literatura africana é carregada de valores éticos e morais com uma riqueza peculiar, porém, passa batido nos meus acadêmicos, na sociedade, nos meios de comunicações, na mídia Ocidental.

Em miúdo, a literatura africana não é consumo de escala prioritária no Ocidente. Por conta do preconceito e do racismo, o único jeito de alavancar a literatura africana na diáspora é recorrer à nostalgia. Por quê? Talvez assim chame mais atenção dos “olhares desatentos e dos atentos” que existe uma fragrância, diferente, interessante, estimulante que a em todos os versos contados, repousa o espírito da sabedoria e da vida... A vida que não se traduz apenas no cientificismo, mas na magia dessa sabedoria milenar escondido sob o véu da ignorância ocidental.

Historicamente a África é tida e com pesar, como o reduto do mundo, em outras palavras, como o continente obscuro mergulhado em tradições “irracionais”, tal irracionalidade é produto de um povo “sem espírito científico- evolutivo”, ficando a margem da subserviência do Ocidente. A literatura africana na diáspora sobrevive de muito esforço, encontra resistência no âmbito das academias tradicionais no Ocidente.

Neto em seu poema fica claro que ele sente saudades da terra, do rio, da casa, da lavra, do petróleo, de seu povo e, a esperança de regressar a casa é tomada de um sentimento de nostalgia sem igual. Como dissemos, Neto se identifica com o sofrimento de seu povo, o povo sofredor nas mãos do opressor; querer ver seu povo livre é seu desejo, é sua luta e sua esperança. A mãe África aguarda por esse dia, e quem seus filhos, serão homens bravos e vencedores na luta contra toda a opressão colonialista.

Literatura e memória na diáspora

*“Experiência é vivencia, o passado nunca passou. A memória se torna presente para o presente. O passado não é inferior, o passado se faz presente a partir da experiência”.*⁸

Adorno faz crítica ao holocausto na Alemanha que dizimou milhares de Judeus. A crítica consiste em que não se pode apagar o passado dos sofrimentos daqueles que tiveram a experiência de Auschwitz. Depois de Auschwitz não tem como falarmos em história. A pagar a memória de um povo é negar-lhes o passado e o presente. Para Adorno a história é diacrônica, não é apenas linear, a

⁸ ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento*. Ed. Jorge Zahar- Rio de Janeiro- RJ. 1985. p. 71.

história pode ser contada de trás pra frente. Podemos voltar ao passado, relembrar a memória das coisas que aconteceram a partir da experiência.

Adorno quer resgatar a memória contra a barbárie de Auschwitz na Alemanha era Hitler. Resgatar a história para Adorno é fundamental, não somente para que não se repete as barbáries do passado, mas para que a experiência do presente possa ter limites. A crítica a modernidade foi fundamental na filosofia de Adorno e de Benjamin contra o esquecimento do passado.

Segundo Benjamin, “(...) *os que venceram hoje participam do sentimento triunfal, que os dominadores espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão*”.⁹

Adorno e Benjamin caminham na mesma direção, criticando a modernidade, de que o monumento cultural é um monumento da barbárie, a cultura não é isenta de barbárie, tão pouco a transmissão da cultura. Benjamin insiste que é necessário construir um conceito de história que corresponde à verdade dos fatos. A luta contra o fascismo na antiga Itália de Musselini é o alvo de críticas de Benjamin, segundo a qual: a “história do progresso, do assombro, não gera conhecimento e, nem é um assombro filosófico, a não ser que tal conhecimento – histórico construído no século XX advém de uma concepção de história de semelhante assombro que não pode ser sustentável ou concebível”.¹⁰

Nossa reflexão vai nessa mesma direção, resgatar em Adorno e Benjamin o conceito de memória- histórica. Nossa análise sobre literatura e memória na literatura africana na diáspora vai nessa direção se queremos compreender o processo de ser um escritor africano na diáspora.

África historicamente é um continente contado a partir do olhar europeu. Daí que muitas coisas sobre África são deturpação eurocêntrica. Sobre o continente africano, além de suas riquezas minerais, é rica em suas diversidades culturais. Tal diversidade não se traduz apenas nas tradições místicas, a África é também “redutos” de grandes intelectuais, com sua própria Filosofia-antropológica. O que isto se significa? Significa que desde a Idade Média a Renascença houve homens cultos e filósofos na África, que a história não mostra. Desde Santo Agostinho a Rainha Ginga e outros nomes, foram e serão lembrados como intelectuais, filósofos, que por vezes, passam batidos no pensamento filosófico como pensadores e de origem africano.

A literatura africana na diáspora se constrói e reconstrói- se na direção diacrônica por meio da memória. A memória é torna viva e bela a literatura africana na diáspora. Sem a memória a história africana permaneceria no obscurantismo. O poema Sagrada Esperança espelha esse fato, quando Neto diz ter saudade do petróleo, das lavras, etc., Fala da riqueza de Angola e, boa parte de África são produtores de petróleo, fala da terra que produz alimento etc.

Nossa compreensão vai além do que Neto quer expressar em seu poema. Compreendemos África é um lugar rico e existe alimento para todos sobreviverem. Não é lugar da seca, da fome e da escassez de água. Existe o rio, dado pela Natureza, o petróleo dado pela Natureza, significa, que em

⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7ª Edição. Brasiliense, São Paulo- SP. 1996. p. 25.

¹⁰ ADORNO, 1985, p. 226.

África, tem uma fonte inesgotável de riqueza, que não acaba... Ele estando na diáspora tinha memória das coisas boas que deixou pra trás por causa da barbárie do homem branco. Não concebia a Europa como sua pátria natal. Regressar é seu sonho.

Um trecho do poema a seguir nos assegura que a literatura na diáspora sobrevive por meio da memória-nostálgica que Neto retrata aqui:

*(...) para ti também mamã
Há só palavra
Nesta nova partida para o desterro
- coragem, voltaremos a encontrar-nos.
(...) No meu coração de exilado todo vós com o vigor do nosso povo
Estais ligados às manhãs dolorosas de despedida
Pelo povo
Pela humanidade
Pela paz.*

As palavras: *estais ligados às manhãs dolorosas*, remete à memória- histórico do povo angolano que anseia pela paz e liberdade. O sujeito que reconhece a memória na construção do conhecimento é um indivíduo histórico. São aqueles que combatem contra todo tipo de opressão. É necessário se a literatura africana na diáspora quer sobreviver, não deve esquecer sua história e seu passado. A memória do passado aniquilará e desmascarará a barbárie “dos ditos vencedores”.

Neto manteve-se esperançoso na diáspora, certo de que um dia veria a mamã “(África)” desgarrado numa cultura transformado na barbárie do Ocidente. A palavra humanidade reaparece como reprisei (replay) evocando a insensatez humana para uma cultura da liberdade, da igualdade e da fraternidade. A consciência de trazer de volta a memória esquecida de um povo é o caminho da revolução literária na diáspora. Viver na diáspora implica em nostalgia, resistência e memória. A resistência pelo esquecimento de uma história brutalmente violentada pela cultura da barbárie, a nostalgia como *konatus* (pulsção) como motor que revitaliza a memória e, por fim, a memória como consciência que traz de volta os mortos das catacumbas, não para se vingar dos vencedores, mas para suas histórias não sejam esquecidos e, que o passado não volta a ser, a história da barbárie.

Conclusão

Num primeiro momento parece difícil abordar um assunto como este. O que falar da África: Literatura na Diáspora? Destarte é salutar o desafio, considerando que boa parte das literaturas que conta a história da África algumas temáticas passam batidos, quando não bem contadas. Esperamos ter contribuído um pouco para a compreensão do processo literário africano na diáspora contada pelo próprio africano.

De maneira alguma desmerecemos as boas contribuições literárias escritas por pesquisadores não africanos, porém, nossa pauta aqui, é fazer toda uma análise linguística da literatura africana na diáspora. Nossa atenção está voltada na maneira como o africano se olha na diáspora. Viver na diáspora é como se olhar no espelho, o indivíduo enxerga sua real condição.

A diáspora nos provoca e nos intriga. Nos torna forte e capazes de sobreviver as tantas turbulências culturais e implicações filosóficas. O africano para sobreviver na diáspora recorre a dispositivos existenciais, como a nostalgia e memória. O sentimento a-pátrio é um dos elementos convidativo para se sentir estranho na terra do outro. A história mal contada e os preconceitos que gira em torno da África são dos elementos bárbaros fustigante para consciência do negro africano na diáspora.

A nostalgia e a memória se tornaram antídoto estratégico para salvar a literatura na diáspora. De que maneira? A linguagem e o estilo próprio africano de contar a sua própria história é diferente de como o europeu conta a sua própria e, as histórias de outros povos. Para sobreviver a memória literário africano na diáspora precisa destes artefatos que já mencionamos, uma maneira arrojada de levantar a bandeira dos vencidos pela cultura da barbárie.

Nos poemas de Agostinho Neto fica claro que a esperança e a coragem é a arma dos vencidos, que um dia havemos de ser lembrados como sujeitos dentro da própria história, que nossas literaturas africana na diáspora não será apenas aquela literatura que traz saudade, da bravura, da guerra, da fome, da miséria, do povo sofrido, mas será uma literatura da memória suave curada dos males causada pelas barbáries dos vencedores. Todavia, manter-se- a viva a memória, somente assim, nossa história não seja linear, porém diacrônica.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Dialética do Esclarecimento*. Ed. Jorge Zahar- Rio de Janeiro- RJ. 1985.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7ª Edição. Brasiliense, São Paulo- SP. 1994.

NETO, António Agostinho. *A Voz Igual*. Ed. MPLA. Luanda- LD, 1996.

NETO, António Agostinho. *Sagrada Esperança*. Ed. UEA, Luanda- LD, 2009.